

As Coisas Que Nunca Dissemos

MARC LEVY

As Coisas Que Nunca Dissemos

Tradução de
Ana Moura

contraponto®

1

– Então, achas que fico bem assim?

– Volta-te e deixa-me olhar para ti.

– Stanley, há meia hora que me examinas da cabeça aos pés; já não consigo ficar mais tempo de pé neste estrado.

– Eu diminuiria ainda no comprimento; seria um sacrilégio esconder umas pernas como as tuas!

– Stanley!

– Minha querida, queres ou não queres a minha opinião? Volta-te outra vez para eu te ver de frente. É exactamente o que eu pensava, entre o decote e o cair das costas não vejo qualquer diferença; pelo menos, se tiveres uma nódoa, só terás de a virar... da frente para trás, é a mesma coisa!

– Stanley!

– Essa ideia de comprares um vestido de noiva em saldo deixa-me horrorizado. Porque não procuras na Internet quando estiveres a trabalhar no computador? Querias a minha opinião, e eu dei-ta.

– Peço desculpa por não poder oferecer nada melhor a mim mesma com o meu salário de infografista.

– Desenhadora, minha princesa! Meu Deus, tenho horror a este vocabulário do século XXI.

– Trabalho com um computador, Stanley, e não com lápis de cor!

– A minha melhor amiga esboça e anima personagens maravilhosas, por isso, com computador ou sem ele, ela é desenhadora e não infografista. Tu realmente tens de discutir acerca de tudo!

– Encurta-se ou deixa-se como está?

– Cinco centímetros! E depois será preciso arranjar este ombro e apertar na cintura.

– Bem, já percebi, detestas este vestido.

– Não foi o que eu disse!

– Mas é o que tu pensas.

– Deixa-me ajudar nas despesas e vamos rapidamente à Anna Maier; peço-te que me ouças pelo menos desta vez!

– A dez mil dólares um vestido? Estás completamente louco! Também não tens dinheiro para isso, e, depois, é apenas um casamento, Stanley!

– O teu casamento!

– Eu sei – suspirou Julia.

– Com a fortuna que possui, o teu pai poderia...

– A última vez que vi o meu pai, estava eu parada num semáforo vermelho e ele descia num carro a 5th Avenue... há seis meses. Fim de discussão!

Julia encolheu os ombros e desceu do estrado. Stanley segurou-a pela mão e abraçou-a.

– Minha querida, todos os vestidos do mundo te ficariam às mil maravilhas, apenas quero que o teu seja perfeito. Porque não pedes ao teu futuro marido que to ofereça?

– Porque os pais do Adam já vão pagar a cerimónia, e se se pudesse evitar contar à sua família que ele se vai casar com uma Cosette não me sentiria pior.

Num passo ligeiro, Stanley atravessou a loja e dirigiu-se para um expositor perto da montra. Encostados ao balcão da caixa, vendedores e vendedoras conversavam entre eles ignorando-o por completo. Agarrou num vestido estreito de cetim branco e deu meia-volta.

– Experimenta este e não quero ouvir nem mais uma palavra!

– É um 36, Stanley, nunca conseguirei caber nele.

– O que é que eu acabei de te dizer?

Julia ergueu os olhos aos céus e entrou na cabina de provas que Stanley lhe apontava com o dedo.

– É um 36, Stanley! – repetiu ela, afastando-se.

Alguns minutos depois, a cortina abriu-se tão bruscamente como se fechara.

– Eis por fim uma coisa que se assemelha ao vestido de casamento da Julia – exclamou Stanley. – Sobe já para o estrado.

– Tens um guindaste para me içar? Porque se dobro um joelho...

– Fica-te às mil maravilhas!

– E, se engolir um *petit four*, as costuras rebentam.

– Nunca se come no dia do nosso casamento. Alarga-se um bocadinho de nada no peito e ficarás com um ar de rainha! Achas que haverá algum vendedor nesta loja? É absolutamente inacreditável!

– Eu é que deveria estar nervosa, e não tu!

– Eu não estou nervoso, estou é espantado por ter de ser eu a arrastar-te para vires comprar o teu vestido de noiva quando faltam apenas quatro dias para a cerimónia!

– Só tenho trabalhado nestes últimos tempos! E nunca poderemos falar deste dia a Adam, pois há um mês que lhe jurei que estava tudo pronto.

Stanley agarrou numa pregadeira de alfinetes que estava abandonada em cima do braço de uma poltrona e ajoelhou-se aos pés de Julia.

– O teu marido não se apercebe da sorte que tem. Tu és fantástica.

– Pára com as tuas pequenas ferroadas contra o Adam. Afinal, de que é que o censuras?

– É parecido com o teu pai...

– Não sabes o que dizes. O Adam não tem nada a ver com ele, aliás, ele detesta-o.

– O Adam detesta o teu pai? Um bom ponto a favor dele.

– Não, o meu pai é que detesta o Adam.

– O teu pai sempre odiou tudo o que se aproximava de ti. Se tivesses tido um cão, ele tê-lo-ia mordido.

– Não, se eu tivesse tido um cão, ele teria certamente mordido o meu pai – disse Julia a rir.

– Seria o teu pai a morder o cão!

Stanley ergueu-se e recuou alguns passos para contemplar o seu trabalho. Abanou a cabeça e inspirou profundamente.

– O que é que se passa? – perguntou Julia.
– Está perfeito, ou melhor, tu é que és perfeita. Deixa-me ajustar a cintura e poderás finalmente levar-me a almoçar.
– Num restaurante à tua escolha, meu amigo!
– Com este sol, poderá ser na primeira esplanada; mas tem de ficar à sombra e tu tens de deixar de te mexer para que eu possa acabar este vestido... quase perfeito.
– Porquê «quase»?
– Porque está em saldo, minha querida!
Passou uma vendedora e perguntou-lhes se precisavam de ajuda. Stanley mandou-a embora fazendo um gesto com a mão.
– Achas que ele virá?
– Quem? – perguntou Julia.
– O teu pai, idiota!
– Pára de me falares nele. Disse-te que não tinha notícias dele desde há meses.
– No entanto, isso não quer dizer...
– Ele não vem!
– E tu deste-lhe notícias tuas?
– Há muito tempo que desisti de contar a minha vida ao secretário particular do meu pai, porque o papá está em viagem ou em reunião e não tem tempo para falar com a filha.
– Enviaste-lhe uma participação?
– Estás quase a acabar?
– Quase! Vocês parecem um velho casal; ele é ciumento. Todos os pais são ciumentos! Há-de passar-lhe.
– É a primeira vez que te ouço defendê-lo. E depois, se somos um velho casal, então há anos que nos divorciámos.
OuvIU-se a melodia de «I Will Survive» vinda da mala de Julia. Stanley interrogou-a com o olhar.
– Queres o teu telefone?
– É certamente o Adam ou do estúdio...
– Não te mexas, vais arruinar todo o meu trabalho, eu levo-to.
Stanley mergulhou a mão no saco da amiga, tirou lá de dentro o telemóvel e estendeu-lho. Gloria Gaynor calou-se de imediato.
– Tarde de mais! – murmurou Julia, olhando para o número no visor.

– Então, era o Adam ou do trabalho?
– Nem um, nem outro – respondeu ela, com o rosto contraído.

Stanley fixou-a.

– Vamos brincar às adivinhas?

– Era do escritório do meu pai.

– Liga-lhe!

– É claro que não! Ele que me ligue.

– Foi o que ele acabou de fazer, não?

– Foi o que acabou de fazer o seu secretário, era a linha dele.

– Estás à espera desta chamada desde que puseste no correio a participação do teu casamento. Deixa de ser criança. A quatro dias do enlace, é costume evitar-se ao máximo o stresse. Queres que te apareça uma borbulha enorme no lábio ou uma erupção horrível no pescoço? Então, liga-lhe já.

– Para que o Wallace me explique que o meu pai está sinceramente triste, mas que vai estar em viagem no estrangeiro e não poderá, infelizmente, cancelar uma deslocação agendada há meses? Ou então que, infelizmente, vai estar ocupado nesse dia com um assunto da mais alta importância ou outra desculpa qualquer?

– Ou então que está feliz por poder comparecer no casamento da filha e que quer ter a certeza de que, apesar das divergências entre ambos, ela o sentará na mesa de honra!

– O meu pai dá pouca importância às honras; se viesse, preferiria estar perto do bengaleiro, desde que a jovem mulher que dele se ocupa fosse extremamente bem-feita!

– Deixa de o odiar e liga-lhe, Julia. Oh, olha, faz como quiseres. Vais passar o casamento todo a espreitar para veres quando é que ele chega, em vez de aproveitares o momento.

– E assim esquecer-me-ei de que não posso tocar nos *petits fours* por correr o risco de explodir no vestido que escolheste!

– Que simpática, minha querida! – assobiou Stanley, dirigindo-se para a porta da loja. – Almoçamos num dia em que estejas mais bem-disposta.

Julia tropeçou ao descer do estrado, e correu na sua direção. Agarrou-o pelo ombro e, desta vez, foi ela que o abraçou.

– Desculpa, Stanley, não queria dizer aquilo, estou desolada.

– Em relação ao teu pai ou ao vestido que tão mal escolhi e ajustei? Gostava que reparasses que nem a tua descida catástrofica nem a cavalgada que empreendeste nesta loja ordinária parecem ter desfeito a mínima costura!

– O vestido é perfeito, tu és o meu melhor amigo, sem ti nem sequer poderia pensar em dirigir-me ao altar.

Stanley olhou para Julia, tirou um lenço de seda da algibeira e limpou os olhos húmidos da amiga.

– Queres realmente atravessar a igreja de braço dado com uma grande louca, ou a tua última maldade seria fazeres-me passar pelo teu asqueroso pai?

– Não esperes por isso, não tens rugas suficientes para seres credível nesse papel.

– Era a ti que eu estava a favorecer, palerma, rejuvenescendo-te um pouco de mais.

– Stanley, é pelo teu braço que quero ser conduzida para junto do meu marido! Que outra pessoa poderia ser?

Ele sorriu, apontou para o telemóvel de Julia e disse-lhe numa voz terna:

– Liga ao teu pai! Vou dar instruções à idiota da vendedora, que tem ar de não saber o que é um cliente, para que o teu vestido esteja pronto depois de amanhã, e iremos por fim almoçar. Telefona agora, Julia, estou a morrer de fome!

Stanley afastou-se e dirigiu-se à caixa. De caminho, lançou uma olhadela à amiga, viu-a hesitar e por fim telefonar. Aproveitou para tirar discretamente o livro de cheques, pagou o vestido, o trabalho da costureira e juntou uma gorjeta para que ficasse tudo pronto dentro de quarenta e oito horas. Guardou o talão na algibeira e voltou para junto de Julia, que acabava de desligar.

– Então? – perguntou ele impaciente. – Ele sempre vem?

Julia abanou a cabeça.

– Qual é desta vez o pretexto invocado para justificar a sua ausência?

Julia inspirou profundamente e fixou Stanley.

– Ele morreu!

Os dois amigos entreolharam-se durante um momento, mudos.

– Neste caso, devo dizer que a desculpa é perfeita! – murmurou Stanley baixinho.

– És realmente parvo, sabias?

– Estou confuso, não era isso que eu queria dizer; na verdade, não sei o que é que me passou pela cabeça. Estou triste por ti, minha querida.

– Não sinto nada, Stanley, nem a mais pequena dor no peito, nem uma lágrima a subir.

– Mas vais sentir, não te preocupes, ainda estás em estado de choque.

– Sim, justamente por isso.

– Queres ligar ao Adam?

– Não, agora não, mais tarde.

Stanley olhou a amiga com um ar inquieto.

– Não queres dizer ao teu futuro marido que o teu pai acabou de morrer?

– Morreu ontem à noite, em Paris. O corpo será repatriado de avião e o enterro terá lugar dentro de quatro dias – acrescentou ela numa voz quase inaudível.

Stanley começou a contar pelos dedos.

– Neste sábado? – perguntou ele, arregalando os olhos.

– Na tarde do meu casamento... – murmurou Julia.

Stanley dirigiu-se imediatamente à caixa, recuperou o cheque e arrastou Julia para a rua.

– Eu é que te convido para almoçar!

A luz dourada de Junho banhava Nova Iorque. Os dois amigos atravessaram a 9th Avenue e dirigiram-se para a Pastis, um restaurante francês, verdadeira instituição daquele bairro em plena mutação. Nos últimos anos, os velhos armazéns do Meat Packing District tinham dado lugar a tabuletas de luxo e aos criadores de moda mais procurados da cidade. Lojas e hotéis de prestígio tinham surgido como que por magia. A antiga linha de caminhos-de-ferro a céu aberto tinha sido transformada numa via verde que subia até à 10th Street. Neste local, uma antiga fábrica reconvertida abrigava agora um mercado biológico no rés-do-chão, e grandes produtoras e agências de publi-

cidade ocupavam os andares; Julia tinha o seu escritório instalado no quinto. Um pouco mais além, as margens do rio Hudson tinham sido arranjadas e ofereciam um longo passeio aos ciclistas, aos praticantes de *jogging* e aos loucamente apaixonados pelos bancos de Manhattan, imortalizados por Woody Allen. A partir de quinta-feira à noite, o bairro não se esvaziava dos habitantes da vizinha New Jersey, que atravessavam o rio para virem passear e distrair-se nos numerosos bares ou restaurantes da moda.

Sentado a uma mesa na esplanada da Pastis, Stanley pediu dois *cappuccinos*.

– Já devia ter ligado ao Adam – disse Julia com um ar de culpa.

– Se é para lhe dizeres que o teu pai acabou de morrer, sim, já deverias tê-lo informado, não há dúvida nenhuma. Agora, se é para lhe anunciares que o vosso casamento tem de ser adiado, que tem de se avisar o padre, o restaurante, os convidados e, conseqüentemente, os pais dele, então digamos que isso pode esperar um bocadinho. Está um tempo de sonho, dá-lhe mais uma hora antes que o dia dele se torne péssimo. E depois tu estás de luto, o que te confere todos os direitos. Aproveita!

– Como hei-de anunciar-lhe isto?

– Minha querida, ele devia compreender que é bastante difícil enterrar um pai e casar na mesma tarde; e, se adivinho que tal ideia possa ainda assim tentar-te, seria muito inconveniente. Mas como pôde acontecer tal coisa? Santo Deus!

– Acredita, Stanley, que Deus nada tem a ver com isto, foi o meu pai e só ele que escolheu esta data.

– Não acho que ele tenha decidido morrer ontem à noite em Paris com o único fim de comprometer o teu casamento, ainda que lhe conceda um certo refinamento quanto à escolha do lugar!

– Tu não o conheces; para me aborrecer, é capaz de tudo!

– Bebe o teu *cappuccino*, aproveitemos este banho de sol e depois ligamos ao teu ex-futuro marido!